



*Tela de 77x67 cm, em óleo, mostrando um arco abrindo-se para uma velha rua de casas antigas, com pessoas caminhando em Roma.*

# Guido Mondim

ARTISTA, PINTOR, ESCRITOR, CONTADOR,  
ECONOMISTA, EMPRESÁRIO E POLÍTICO.

Guido Fernando Mondim nasceu em Porto Alegre (RS) em 06 de maio de 1912, e faleceu em 20 de maio de 2000 em Brasília/DF.

Cursou o Instituto de Belas Artes e formou-se Bacharel em Ciências Políticas e Econômicas na PUC.

Desde cedo, seus talentos artísticos foram reconhecidos. Aos seis anos de idade, utilizando um pedaço de carvão, desenhou pela primeira vez a silhueta de sua tia que, naquele momento, estendia roupas no quintal da casa num dos bairros de Porto Alegre. Aos sete anos, participou do primeiro Salão de Arte em sua vida, apresentando trabalhos a lápis de cor e aquarela, tendo sido premiado com Medalha de Bronze, dentre vários artistas consagrados.

A partir daí, começou a receber aulas particulares de pintura e nunca mais largou os pincéis, mesmo exercendo os diversos cargos públicos pelo decorrer de sua vida e mesmo

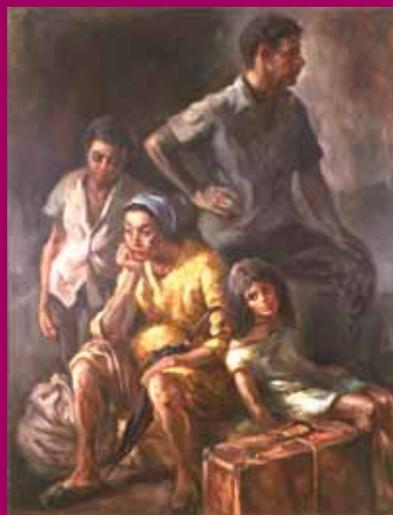
tendo tido um problema de saúde que impossibilitou seus movimentos do lado direito; foi quando começou a pintar com a mão esquerda, tendo produzido todos os quadros de uma exposição intitulada *Impressões*, realizada em Brasília em 1998.

Suas telas (são mais de 4.000 ao todo) estão espalhadas pelo mundo: em museus dos Estados Unidos, inclusive na Casa Branca; reproduções gráficas de seus temas religiosos são encontradas em vários países da Europa; e em pinacotecas públicas e particulares de todo o Brasil. Foram mais de 20 exposições individuais, tendo recebido inúmeros prêmios em vários Salões de Arte.

Suas obras em óleo sobre tela retratam, notadamente, cenas do cotidiano do povo gaúcho, das batalhas travadas e de seus heróis durante a Revolução Farroupilha. Porém, são suas telas religiosas as mais reconhecidas, tendo como representação máxima a sua *Via Sacra*, doada à Igreja Matriz de Otávio Rocha,



"Trigal na Serra", óleo sobre tela, de 1967, 92x112cm



"Retirantes", óleo sobre tela, de 1969, 183x142cm

*Suas telas (são mais de 4.000 ao todo) estão espalhadas pelo mundo: em museus dos Estados Unidos, inclusive na Casa Branca; reproduções gráficas de seus temas religiosos são encontradas em vários países da Europa; e em pinacotecas*

Doou vários de seus quadros ao Senado Federal, enriquecendo o acervo de obras de artes da Casa.



"Os Arcos", Rio de Janeiro, óleo sobre tela, de 1959, 92x112cm

"Paisagem de Marinha de Capri", óleo sobre tela, de 1967, 90x110cm



"Barcos", óleo sobre tela, de 1965, 93x120cm

no Rio Grande do Sul, na qual se sobressai o Cristo carregando o grande tronco de madeira cortada, que constituía a base vertical da cruz.

Doou vários de seus quadros ao Senado Federal, enriquecendo o acervo de obras de artes da Casa. São eles mostrados nessas páginas: *Família de Retirantes*, *Frei Franciscano*, *Panorama Mineiro*, *Barcos*, *Marina em Capri*, *Figueira*, *Trigal na Serra*, *Retrato do Dr. Isaac Brown*, *Os Arcos do Rio de Janeiro* e *Velha Roma*, que ilustra a capa desta edição da SENATUS. Trata-se de uma tela de 077 por 67cm, em óleo, mostrando um arco abrindo-se para uma velha rua de casas antigas, com pessoas caminhando em Roma.

Também autor de poesias, contos, crônicas e memórias. Bastante conhecida dos brasilienses, sua *Lenda do Lago* de 1960 (transcrita nas páginas seguintes) registra a forma como ele via o Lago Paranoá e o seu surgimento. Participou da antologia *Poetas de Brasília* (1962) organizada por Joanyr de Oliveira; *Recado a Flávia* - autobiografia (1974), *Burgo sem água* (1987), além de obras de cunho contábil e político.

Fundador e presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas, foi Membro das Academias de Letras do Rio Grande do Sul, da Espanha e da Argentina, da Associação Brasileira de Escritores, da Associação Nacional dos Escritores (ANE). Ocupou a cadeira número quatro da Academia de Artes,



*"Retrato do Dr. Isaac Brown", óleo sobre tela, de 1967, 120x100cm*



*"Franciscano", óleo sobre tela, 55x46cm*

a número vinte da Academia Brasileira de Belas Artes e a número trinta e três da Academia de Letras de Brasília. Colaborou em diversos periódicos.

Em sua vida de homem público, ocupou, dentre outros, os cargos de vice-prefeito de Caxias/RS, deputado estadual (1951/1955), deputado federal (1955/1959), senador (1965/1970/1975) e ministro do Tribunal de Contas da União (1975/1982), do qual foi vice-presidente (1977) e presidente (1978).

Recebeu inúmeras condecorações.

*"A arte vem do ventre da mãe. Não pode ser estudada, mas aperfeiçoada", afirmava Guido Mondim que, aos 7 anos, já era premiado em salões e exposições de desenho e pintura.*



*"Panorama Mineiro", óleo sobre tela, 80x90cm*



*"Figueira", óleo sobre tela, 103x121cm*

# A LENDA DO LAGO



***E** le vivia só, na imensidão do Planalto, ora andando entre o cerrado, ora entre a floresta densa. Jaci, a lua, muitas e muitas noites vinha iluminá-lo, unguindo de tons prateados seu corpo másculo. Amava-o. Paranoá, porém, parecia insensível e distante. Queria a que havia de vir. Quando curumim, um dia dela lhe falara o velho pajé:*

*- Guardarás teu amor, tua força, teus desvelos, o melhor de tua caça, à bela que Tupã te destinou.*

*Paranoá crescera, esbelto e ágil, fazendo-se magnífico guerreiro. Descendia dos tapuias, mas sua nação desaparecera, e somente ele permanecia, à espera da que havia de vir. Lembrava-se que o pajé lhe dissera que a sua amada anunciaria sua vinda nos ecos da floresta.*

*Paranoá esperava, ora o ouvido pegado ao chão, ora o olhar estendido na planura, sem nunca se aperceber de que, quando maior era a solidão, Jaci reaparecia.*

*Certa tarde, a mata estremeceu. Os ruídos foram-se avolumando. Trovões pareciam ter descido à terra e tudo entrava em convulsão, multiplicando-se os sons, como se a floresta tombasse aos golpes de muitos machados.*

*- É ela! - exclamou Paranoá, pondo-se alerta.*

*Sim, era ela. Uma figura alada, fulgurante e bela, mil vezes mais bela que as mulheres de sorriso moreno que conhecera em sua tribo.*

*A paixão aprisionada durante a espera transbordava agora em ímpetos incontroláveis. Ante o deslumbramento de Paranoá, a figura excelsa estendeu serenamente as asas, como a querer acolhê-lo.*

*- És tu a anunciada do pajé? - perguntou Paranoá.*

*- Sou. Vim para que não vivas mais só - disse ela. - Eu sou Brasília!*

*Então, Paranoá, abrindo os braços, fremente de emoção, correu para cingi-la.*

*Jaci, entretanto, espreitava. Ela, que o acalentara durante a solidão, conformada embora com a sua indiferença, sofria agora, ao perdê-lo para sempre. Quis vê-lo em derradeiro e a sua luz refletiu-se nos olhos do guerreiro. Paranoá deteve-se, num estremecimento. Pela primeira vez, contemplou a meiguice de Jaci e a suave tristeza de sua luz. Só então compreendeu que amava Jaci, e hesitou. Ante sua vacilação, Tupã irritou-se, condenando-o à imobilidade e convertendo-o num lago, de braços sempre abertos, sem jamais alcançar aquela por quem tanto esperara.*

*Jaci condeou-se de Paranoá e, tangida pelo remorso, refugiou-se atrás de uma nuvem.*

*De quando em vez, Jaci volta. Demora-se sobre o lago e, como a expungir-se de culpa, cobre de prata a sua superfície, ao mesmo tempo que inunda Brasília de luz. E cada vez Jaci regressa chorando orvalho e mentindo às estrelas que assistiu às núpcias de Paranoá e Brasília.*

---

Optou-se por transcrever o texto com a grafia atual.

# Paranoá, o índio apaixonado



## GUIDO MONDIM

**A Lenda do Lago foi uma das muitas declarações de Guido Mondim a Brasília. Foi a forma que encontrou para demonstrar como ele entendia o surgimento do Lago Paranoá, não admitindo nunca que fosse um lago artificial.**

Guido Mondim amava Brasília sincera e profundamente, como se pode comprovar em seus muitos escritos sobre a cidade:

“Quantas vezes, nas horas caladas da noite, eu me debruço à janela, contando as últimas luzes que vão se apagando nos apartamentos e fico a meditar sobre o destino de quantos vieram para povoar-te. Em tais instantes, em minha mente fervilham confrontos.

Tenho, confesso, saudade do meu Rio Grande. Lembro o mar acariciando a costa, desde Torres ao Chuí; o ar suave da Serra, onde branquejam ao sol os paredões agressivos, a imensidão do pampa na beleza repousante dos pastoreios e fico a pensar se algum dia voltarei, porque agora estás tu, Brasília, em meu caminho, como estás no

caminho dos que partiram do Ceará, da Bahia, do Paraná, de todas as procedências. Então, chego à conclusão de que a contribuição primeira e maior que poderíamos dar-te consiste na renúncia às nossas velhas vinculações sentimentais para que resplandeça, como um padrão humano de bondade, afeto, entusiasmo e de radiosa poesia o nosso sentimento por ti.

Um dia estarás consolidada. As gerações que se seguirem não lembrarão e talvez nem compreenderão o sentido ao mesmo tempo amargo e sublime desses primeiros tempos na vida dos que aqui vieram. Isto não importa. O que importa é que levaremos para o supremo repouso a consciência e a honra de que também te construímos. Não somos arquitetos, nem engenheiros, nem pedreiros. Os nossos instrumentos são os nossos corações e a nossa técnica são as manifestações da alma.” **(texto publicado no aniversário de Brasília em 1963, no jornal Correio Braziliense).**